

EVENTOS DE LETRAMENTO ESCOLAR E ESPECIALIZADO: INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DO PIAUÍ

João Marcos Messias MIRANDA¹
Universidade de Brasília (UnB)
joaomarcosmessias@gmail.com

José Ribamar Lopes BATISTA JUNIOR²
Colégio Técnico de Floriano/Universidade Federal do Piauí (CTF/UFPI)
ribasninja16@gmail.com

RESUMO: O estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa etnográfica, de abordagem qualitativa, cujos instrumentos de geração de dados foram a observação, a entrevista semiestruturada e a coleta de artefatos. Os participantes foram duas famílias da cidade Landri Sales/PI. A análise foi centrada nos eventos de ferramentas dessas famílias, tendo em vista a participação da pessoa com deficiência nas diferentes esferas sociais que compõem o contexto pesquisado. Como resultado preliminar, evidenciamos que os eventos de letramento que compõem as rotinas dos grupos pesquisados estão relacionados ao contexto comunitário, escolar e especializado. Percebemos que os letramentos em uso nesses eventos são formados pelo hibridismo entre os modelos escolar, especial e vernáculo. Em relação a esses usos, os significados articulados nas interações estão fundamentados em mescla de discurso especial e escolar, com ênfase na ideia de cuidado e desenvolvimento, construídos em torno de textos: atividades, falas de orientação e combinados. Esses letramentos fundamentam as identidades de porta-voz e aluno especial que são manejados no âmbito das interações desse grupo.

PALAVRAS-CHAVES: Prática de letramento; inclusão; eventos.

SCHOOL AND SPECIALIZED LITERACY EVENTS: INCLUSION OF STUDENTS WITH DISABILITIES IN TWO PUBLIC SCHOOLS IN PIAUÍ

ABSTRACT: The study was developed through ethnographic research, with a qualitative approach, whose data generation instruments were observation, semi-structured interviews and collection of artists. The participants were two families from the city of Landri Sales/PI. The analysis was centered on tool events for these families, taking into account the

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí, professor da Educação Básica pela Secretaria de Educação do Distrito Federal.

² Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília, professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico na Universidade Federal do Piauí, coordenador do Laboratório de Leitura e Produção Textual (LPT/CNPq).

participation of people with disabilities in the different social spheres that make up the researched context. As a preliminary result, we showed that the literacy events that make up the routines of the researched groups are related to the community, school and specialized context. We realized that the literacies in use at these events are formed by hybridism between school, special and vernacular models. In relation to these uses, the meanings articulated in interactions are based on a mixture of special and school discourse, with an emphasis on the idea of care and development, built around texts: activities, guidance and combined speeches. These letters support the identities of spokesperson and special student that are managed within the scope of this group's interactions.

KEYWORDS: Literacy practice; inclusion; events.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui um recorte da pesquisa realizada no Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), no período de 2021 a 2023. A pesquisa teve como foco a investigação dos eventos de letramento que fazem parte da rotina de duas famílias de pessoas com deficiência, com o seguinte objetivo geral: investigar os eventos de letramento que fazem parte das rotinas de famílias de pessoas com deficiência, assim como compreender as identidades assumidas nesses grupos.

Os objetivos específicos da pesquisa são: descrever as rotinas comunicativas, a partir dos eventos de letramento que se constituem no contexto familiar das pessoas com deficiência; identificar os textos que emergem nas práticas das famílias de pessoas com deficiência; analisar como as práticas de letramento incidem sobre as identidades assumidas no grupo familiar no processo de inclusão social.

Para este recorte, foram considerados os dados provenientes do contexto escolar e do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que fazem parte da vivência das duas famílias de alunos com deficiência participantes desta pesquisa.

2 NOVOS ESTUDOS DE LETRAMENTO

A abordagem teórica dos Novos Estudos de Letramento enfatiza as práticas de leitura e escrita, destacando seu aspecto social e sua vinculação com os papéis assumidos, instituições, valores, atitudes e sentimentos, que conferem sentido aos usos dessas práticas (Street, 2014). Assim, as práticas de letramento estão sempre imersas no contexto social, sendo construídas na/pela interação social.

Os Estudos do Letramento consideram as práticas de leitura e escrita dentro de uma abordagem social, estando, portanto, vinculadas aos conceitos, valores e instituições que influenciam as formas de ação, representação e identificação. Nessa perspectiva, as práticas de letramento não são neutras, como pode sugerir a ideia de aquisição de técnicas (leitura e escrita). Logo, esta teoria foca nos significados das práticas de leitura e escrita para os participantes envolvidos, no uso que esses fazem dessas práticas e nos discursos que são compartilhados entre os sujeitos.

Como sinaliza Street (2014), as práticas de letramento são práticas culturais, mas principalmente, ideológicas. Elas são ideológicas porque estão vinculadas ao poder, à negociação de papéis e à validação de valores. Adotar esse pressuposto direciona a análise das práticas de leitura e escrita a partir dos conceitos dos sujeitos envolvidos no evento de letramento, devendo-se considerar a condição situada dessas práticas, bem como as instituições envolvidas nesse processo.

Para Street (2014), o letramento é um fenômeno social complexo e multifacetado, carregado de valores ideológicos que refletem relações de interesse e dominação estabelecidas. O autor especifica que o uso do letramento pode ser uma forma de afirmar a identidade de uma determinada classe social, pertencente a um contexto específico. Dentro desse conceito, letramento engloba todas as leituras realizadas nos diferentes contextos

sociais. Em diferentes contextos, uma determinada prática de letramento imperará, estabelecendo *modus operandi* de se posicionar.

Segundo Sato, Magalhães e Batista Jr. (2012), o letramento vai além das habilidades de leitura e escrita, funcionando como uma maneira de reafirmar posições sociais e revelar o pertencimento a grupos culturais e sociais específicos. Assim, o uso do letramento envolve também vínculos culturais, sociais e institucionais presentes nas práticas de leitura e escrita.

Corroborando essa perspectiva, Barton (1994) destaca que o letramento deve ser compreendido dentro de seu contexto social, no qual a leitura e a escrita estão intimamente conectadas às dimensões culturais. Street (2014) complementa, afirmando que o letramento se constitui de práticas sociais concretas, moldadas pela cultura, história e discursos, com objetivos definidos em cada contexto. Partindo desse viés, entendemos o letramento como uma prática social mediada por relações de poder assimétricas, que se refletem nas próprias práticas. Desse modo, as práticas de letramento configuram formas de posicionar indivíduos em situações sociais, naturalizando visões de mundo. Além disso, essas práticas atuam como mecanismos de luta identitária, valorizando vozes e espaços marginalizados e gerando novos sentidos e práticas (Batista Jr.; Sato, 2014).

Para compreender os estudos de letramento, é fundamental entender os conceitos de Evento de Letramento e Práticas de Letramento. O primeiro refere-se a ocasiões em que o texto escrito é essencial para a compreensão nas interações sociais. Já as práticas de letramento são comportamentos e concepções sociais que moldam o uso da leitura e da escrita (Street, 2014).

O termo evento de letramento, proposto por Heath (1982), descreve momentos em que a leitura e a escrita têm um papel central nas interações, sendo observados padrões que variam conforme o contexto e os valores culturais. Esses eventos podem envolver tanto textos escritos quanto orais e refletem as diferentes formas de utilizar o letramento. As

práticas de letramento, por sua vez, se referem a significados atribuídos à leitura e à escrita, moldados pela cultura, convicções pessoais e contextos institucionais.

Em um único evento, podem coexistir diversas práticas de letramento, como em um evento religioso, no qual a leitura da Bíblia pode ter objetivos devocionais e literários distintos, mas ambas as práticas são influenciadas por instituições e relações de poder (Rios, 2014). Carvalho (2016) afirma que as práticas de letramento envolvem a seleção de eventos e modelos de leitura ligados a contextos sociais e culturais, sendo mediadas por textos que fundamentam discursos e ações em situações específicas. Embora os conceitos de evento e prática de letramento sejam distintos, eles estão interligados e atuam de forma dinâmica na compreensão do uso da leitura e da escrita. A pesquisa em questão foca nos eventos de letramento em famílias de pessoas com deficiência, observando as práticas e valores associados à leitura e à escrita nesses contextos.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa etnográfica, conforme Angrosino (2009), que busca descrever grupos humanos e suas práticas culturais. O foco da pesquisa foi a rotina diária de famílias com pessoas com deficiência. A coleta de dados ocorreu de julho a novembro de 2022, por meio de observações, entrevistas semiestruturadas e coleta de artefatos, com o objetivo de entender as práticas de letramento e a participação em eventos escolares e especializados nas duas famílias participantes, Silva e Santos.

As observações iniciais foram informais, realizadas durante visitas e eventos escolares. Posteriormente, observações mais detalhadas aconteceram em escolas e instituições especializadas. As entrevistas semiestruturadas foram direcionadas aos membros das famílias, buscando compreender a mediação no processo de inclusão da pessoa

com deficiência. Além disso, foram coletados textos e artefatos, como documentos e materiais audiovisuais, para analisar os tipos de letramento que circulam no cotidiano das famílias, tanto provenientes de fontes institucionais quanto autogeradas.

As duas famílias participantes residem na cidade de Landri Sales, no estado do Piauí. O critério de escolha dessas famílias foi a presença de um integrante com deficiência. Antes do início da pesquisa, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) às famílias, que, após os esclarecimentos necessários, assinaram o documento, autorizando o desenvolvimento da pesquisa.

No quadro a seguir, está apresentado o perfil dos participantes:

Quadro 1 - Participantes da pesquisa³

Família	Membros familiares	Quantidade de membros familiares	Pessoa com deficiência
Família Silva	Maria (Avó); José (Avô); João (Neto); Daniel (Neto).	4	João: Transtorno do Espectro Autista - TEA (Nível 1: leve).
Família Santos	Tereza (Mãe); Ana (filha adotiva); Rafael (filho adotivo).	3	Ana: Lábio Leporino (fissura labial); Deficiência Física (anormalidades esqueléticas dos membros).

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A análise etnográfica adota uma abordagem em forma de funil, iniciando com a descrição das rotinas dos grupos pesquisados e, gradualmente, direcionando-se para a explicação dos comportamentos e para a compreensão dos significados atribuídos pelos participantes (Hammersley; Atkinson, 2022). Esse processo envolve não apenas a descrição, mas também a interpretação e a compreensão da realidade social observada.

³ Os nomes utilizados são pseudônimos, tendo como objetivo preservar a identidade dos participantes.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A inclusão de alunos com deficiência tem como foco prioritário a escola, mas é um processo que vai além da esfera estritamente escolar. Nesse sentido, a seguir, analisamos os eventos de letramento no contexto da sala de aula e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) de duas famílias.

A escola configura-se como um contexto institucionalizado, caracterizado por textos burocráticos e pedagógicos que organizam e estruturam as interações entre seus participantes. Nesse ambiente, professores, alunos e familiares desempenham papéis definidos pelo letramento escolar. Dessa forma, observa-se uma diversidade de gêneros textuais presentes nos eventos de letramento, como exemplificado na sala de aula:

Figura 1 - Sala de aula



Fonte: Acervo do autor (2022).

Na sala de aula, circulam textos diversos, como trabalhos em cartolina, produções dos alunos, quadros informativos e orientações sobre a Covid-19. Esses elementos contribuem para a construção dos significados do contexto escolar, refletindo suas dinâmicas e as condutas esperadas. Além disso, eles validam o letramento escolar, criando um universo linguístico distinto daquele dos alunos, sendo o professor o principal detentor desse conhecimento (Street, 2014).

O evento de letramento escolar envolve uma variedade de textos e participantes, com objetivos específicos em diferentes momentos. João, por exemplo, participa tanto de

contextos escolares (turma regular) quanto especializados (cuidadora e atendimento especializado), interagindo com professores, colegas, psicóloga e psicopedagogo. A análise considerará tanto os eventos observados na sala de aula quanto os relacionados às reuniões de pais e responsáveis, conforme será detalhado a seguir:

Quadro 2 - Evento de Letramento Escolar

EVENTOS	TEXTOS	PARTICIPANTES
AULA	Livro didático; Fala do professor; Atividade de escrita.	João; Demais alunos; Professora.
REUNIÃO DE PAIS	Avaliações; Falas das coordenadoras; Falas das professoras; Fala de Maria.	Maria; Demais mães e responsáveis; Coordenadoras; Professoras.
REUNIÃO COM A PROFESSORA	Fala das professoras; Fala de Maria.	Maria; Professoras.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Os eventos descritos envolvem momentos específicos de participação da família Silva, que são fundamentais para entender os papéis que ela assume nos processos de letramento, com base nos significados atribuídos aos textos. De forma geral, os eventos abordam o processo de ensino e aprendizagem de João, validado de maneiras distintas: nas aulas, pela professora, e nas reuniões, por meio dos resultados avaliativos e dos pareceres dos professores sobre seu progresso.

A nota de campo a seguir apresenta os relatos da observação da aula:

Quadro 3 - Nota de campo

Aula de Matemática (24/06/2022)
O aluno chega na escola de ônibus. A cuidadora já o aguardava. Já na sala de aula, João e os demais alunos aguardam a entrada da professora. É frequente, nesse momento, saídas de João da sala e seu retorno com a cuidadora. A professora chega à sala de aula e logo dá início à chamada dos alunos. Após a chamada, a professora se dirige à cuidadora e entrega duas atividades impressas, orientando-a sobre como deveria proceder na explicação das questões: “olha, você pode dizer para ele completar os números que faltam, para ver se ele percebe os números que estão faltando. Essa outra atividade é apenas continhas de adição. Ele já sabe fazer isso, né?”. As atividades em questão eram uma tabelinha com a sequência numérica de 1 a 15

a ser completada pelo aluno. A outra atividade correspondia a pequenos cálculos de adição, auxiliados por desenhos que indicavam a quantidade a ser somada. Enquanto a cuidadora realizava a explicação e resolução da atividade com João, a professora dava explicação sobre o sistema de numeração decimal.

João passou cerca de 10 a 15 minutos realizando as atividades; em alguns momentos, deixava a atividade e começava a desenhar no caderno, só voltando a resolução da atividade com intervenção da cuidadora ou da professora. Ao término dessas atividades, a cuidadora orienta o aluno a levar a atividade para o professor corrigir. João começa a andar de carteira em carteira, mostrando aos colegas seus desenhos. Nesse momento, a cuidadora pega o caderno de João e começa a elaborar uma nova atividade; João, então, depois de repreendido pela cuidadora e pela professora, começa a resolver essa nova atividade.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A nota de observação dessa aula, em conjunto com as demais observações realizadas, contribui para identificar as padronizações desse evento de letramento, permitindo analisar as interações entre os participantes e compreender os significados atribuídos ao letramento nessas interações, especialmente no contexto da presença de uma pessoa com deficiência. Assim, podemos elencar os seguintes momentos: introdução da aula, apresentação das atividades, orientação/resolução e avaliação. Esses momentos são regidos principalmente pelas atividades elaboradas, tanto pela professora quanto pela cuidadora, que funcionam como textos que orientam os procedimentos de João, enquanto aluno, e da professora e da cuidadora como detentoras do letramento nesses episódios.

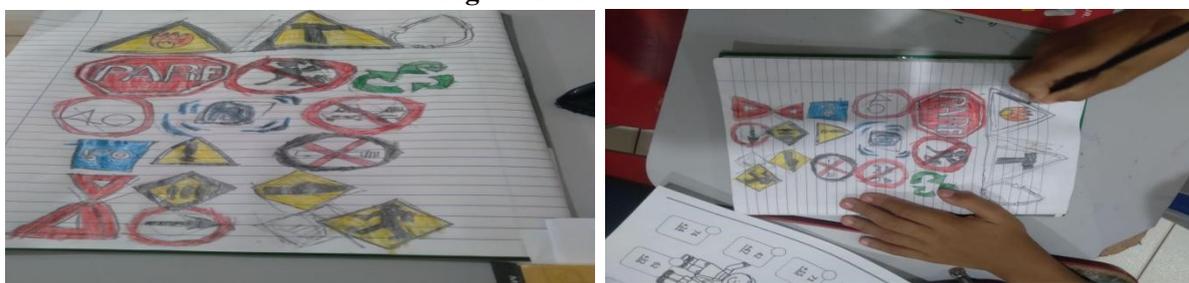
Na introdução das aulas, geralmente ritualizadas pela chamada/frequência, que contribui para o processo de encaixe do sujeito na identidade de aluno, ao invés de nomes, os números são os primeiros traços a serem agregados à identidade do aprendiz. Dessa forma, é por meio dessa prática de letramento, cujo principal agente é o professor, que começa a se delinear as relações estabelecidas em função do letramento valorizado. Esse processo de ajustamento da identidade do aluno configura um mecanismo ideológico e, como salienta Tfouni (2010, p. 223), é trabalho da ideologia “estabelecer laços, ordenar, classificar, comparar e transformar”.

A apresentação das atividades, processo intermediado pela professora e pela cuidadora, corresponde ao período de negociação, que, por sua vez, rege a dinâmica estabelecida no processo de resolução da atividade. Nesse evento de letramento, o papel assumido pela professora corresponde à ação de delegar funções; à cuidadora, cabe a ação de executar; já o aluno assume nessa dinâmica a ação de realizar a tarefa, segundo as indicações da cuidadora, criando uma ambiência na qual a verticalização das interações ocorre em função do instrumento “atividade”.

Na avaliação, que fica a cargo da professora, geralmente o aluno, a pedido da cuidadora, leva a atividade até a mesa da professora. Esse processo dura alguns minutos, durante os quais a professora revisa as respostas do aluno, faz pequenos apontamentos para ele, que, na ocasião, fica ao lado da mesa. Com o término dessa atividade, o aluno retorna para o seu lugar. Esse processo se repete algumas vezes durante a aula, configurando o modo pelo qual o conhecimento é validado nessa interação, conferindo à professora o poder de mediar esse processo.

Conforme os dados gerados, os usos do letramento nesse contexto são apresentados como um dispositivo de controle, sendo utilizado para agenciar o comportamento de João na sala de aula. Assim, a linguagem se organiza por meio desse texto, funcionando como uma forma de exercer autoridade, vigiar e disciplinar o comportamento. Isso pode ser observado, inclusive, pelo confronto de João com esse dispositivo, evidenciado pela sua recusa em fazer as atividades ou pela prática de desenhos, como uma forma de desvio do letramento autorizado.

Figura 2 - Desenho de João



Fonte: Acervo do autor (2022)

Como já visto, as práticas de desenho são frequentemente usadas pela cuidadora como uma forma de barganha, buscando a concordância de João para a realização das atividades. Além disso, em alguns momentos, ele utiliza o desenho como um mecanismo de resistência à prática escolar, recusando-se a realizar as atividades e insistindo na prática do desenho. Conforme sinalizado por Street (2014), o contexto da sala de aula possui uma voz pedagógica, constituída por atividades práticas e materiais letrados, que escalonam o tempo escolar no processo de ensino-aprendizagem, tendo como epicentro a atuação da professora. No caso de João, o tempo escolar é escalonado pela ambivalência entre as práticas almejadas pela professora e a execução pela cuidadora. Essas práticas estão ainda fundamentadas em uma concepção tradicional de ensino.

Sob uma perspectiva inclusiva, percebe-se que o recurso do desenho poderia ser um caminho importante para o processo de ensino-aprendizagem de um aluno autista. Como mostrado na imagem, João inclui em seus desenhos símbolos e palavras relacionadas a placas de trânsito, o que revela seu engajamento nas práticas de letramento social e nos recursos comunicativos do contexto contemporâneo. Essas práticas, com um direcionamento vernáculo, podem funcionar como uma ponte entre os conhecimentos do aluno (seu universo sociocultural de semioses) e a prática escolar. Nessa perspectiva, a prática do desenho, orientada pela abordagem dos multiletramentos, pode ser configurada como um recurso dialógico e valorizativo (Rojo, 2009).

Dentro de uma concepção de letramento inclusivo (Sato, 2013; Batista Jr., 2013), o uso de atividades adaptadas pode contribuir significativamente para o processo inclusivo. No entanto, neste contexto, esse recurso está sendo utilizado apenas como uma forma de controle. Sob essa ótica, a identidade de aluno associada a essa prática de letramento, no caso de João, está vinculada à execução das tarefas propostas.

Da mesma forma, as relações mediadas nesse contexto estão diretamente articuladas com as práticas de elaboração e resolução das atividades. Elas estabelecem relações hierárquicas entre aluno, professor e cuidadora, sendo o manuseio do letramento um mecanismo de fiscalização e valorização dos letramentos autorizados nesse contexto. Outro momento oportuno para a análise dos conceitos e práticas atribuídos ao letramento ocorreu durante as reuniões de pais e responsáveis, conforme o excerto a seguir:

Quadro 4 - Evento de Letramento “Reunião de pais e responsáveis”

Maria	Fiquei sabendo que ele fica correndo na sala e passa a aula desenhando, ele não fazia isso lá em Floriano, porque a menina que ficava com ele falava sério mesmo como ele. Com ela, eu ficava tranquila. Ele já estava começando a tirar do quadro.
Professora	Olha, nós estamos começando a desenvolver atividades para ele, acredito que ele ainda esteja se acostumando com a sala, mas eu e a cuidadora já estamos pensando em umas atividades a serem trabalhadas com ele.
Maria	Eu já falei que esses meninos especiais precisam de atenção. O João precisa de atenção.
Gestora	Mas em Floriano tem uma estrutura mais desenvolvida para atender alunos especiais. Aqui nós estamos começando, com a ajuda do psicólogo, do psicopedagogo.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

O quadro acima apresenta apenas um pequeno fragmento da reunião, focando nos recortes em que foi possível perceber a interação de Maria com a professora e a diretora. As queixas apresentadas por Maria estão relacionadas ao comportamento de João na sala de aula, evidenciando, em certa medida, sua visão sobre o que considera ser o papel de João como aluno nesse contexto. Além disso, traços do discurso do modelo de educação especial podem ser identificados nas falas de Maria e da gestora, evidenciados pelo uso do termo “especial” ao se referirem a João.

As falas de Maria refletem a identidade de “Mãe Protetora”, que mobiliza o discurso especializado. Sua interação com a professora e a coordenadora demonstra que a avó de João detém o letramento dominante. Maria se posiciona como porta-voz da comunidade de

peessoas com deficiência, demonstrando conhecimento sobre suas realidades. Isso fica evidente nas orientações que ela oferece sobre o ensino de João. O uso sutil do letramento especializado fortalece sua posição, que é fluída, transitando entre os papéis de mãe e portavoz, buscando proteger e afirmar sua posição na comunidade de familiares de pessoas com deficiência.

Dessa forma, o posicionamento de Maria reflete um direcionamento para a educação especial, com foco no atendimento dentro desse âmbito, valorizando a identidade de “aluno especial”, com ênfase em aspectos como cuidado e treinamento. Ao destacar as habilidades relacionadas à escrita em correlação com o desenvolvimento de João, essa abordagem coloca em evidência o conceito de inclusão, vinculado à ideia de capacidades necessárias para a adaptação de João ao contexto escolar. Esse pressuposto pode ser ligado aos princípios do ensino especializado, anteriores a 1990, que propunham uma abordagem centrada na deficiência e no desenvolvimento adaptativo da pessoa com deficiência em relação ao contexto social.

Outro momento que contribui para a análise do atendimento no contexto escolar pode ser observado no evento de interação entre João, a cuidadora e o professor, conforme ilustrado no quadro abaixo:

Quadro 5 - Evento de “Resolução de atividades”

Cuidadora	Olha, você tem que fazer a atividade, o professor pediu!
Professora	Ei, João, bora lá! Menino! Obedeça! Vou conversar com sua avó sobre seu comportamento!
João	Não, tia! Não quero fazer.
João	Tia, eu faço, mas depois desenho, tá?
Cuidadora	Escutou a professora, né, menino? Vamos fazer a atividade.
João	Ei, tia! Já tá na hora de ir embora!

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Esse fragmento, retirado do evento “aula de ciências”, evidencia o processo de mediação na execução das atividades propostas. Tanto a cuidadora quanto a professora utilizam um discurso autoritário, centrado na figura da professora e na autoridade da avó de João. O objetivo desse mecanismo discursivo, dentro do contexto da aula, é persuadir João a realizar a atividade sugerida. Essa dinâmica de mediação acontecia frequentemente durante as observações, evidenciando que o processo de negociação e o estabelecimento de rotinas escolares se dão por meio de tensões, mediadas pelo letramento escolar.

Observamos que o processo de adaptação de João às práticas desse contexto não ocorre sem resistência, mas através do confronto com os tempos e espaços impostos pelo ambiente escolar, assim como os letramentos que regulam as interações nesses eventos. Essas tensões podem ser notadas nas recusas de João e nas práticas de desenho, que ele utiliza como uma forma de resposta ao letramento escolar. Um caminho possível seria articular o interesse de João pelo desenho com as atividades propostas, o que poderia criar uma ponte para sua participação e inclusão no contexto da sala de aula.

Nesse sentido, é preciso ampliar a noção de letramento para letramentos, reconhecendo que existem outras formas de leitura e escrita que coexistem com o letramento escolar, sendo úteis para entender como os alunos usam seus letramentos vernaculares nos processos de aprendizagens extraescolar. Como destaca Macedo (2005), as práticas sociais de leitura e escrita no contexto escolar são plurais, enfatizando a natureza multifacetada do letramento. Ou seja, os eventos de letramento podem incluir usos além do contexto escolar. A autora também destaca a importância das práticas de ouvir e falar como parte dos processos de letramento. Ao adotar o conceito de multiletramento, enfatiza-se a noção colaborativa no processo de ensino-aprendizagem, valorizando a escuta e a participação ativa do aluno.

4.1 CONTEXTO ESPECIALIZADO

O contexto especializado refere-se aos episódios de letramento observados no âmbito do Atendimento Educacional Especializado (AEE), realizado na Sala de Recursos da Secretaria Municipal de Educação de Landri Sales. Nesse espaço, o atendimento é realizado por uma equipe composta por dois psicopedagogos e uma psicóloga, com sessões semanais. As práticas desenvolvidas neste contexto têm como foco: identificar as necessidades do aluno; contribuir para o avanço da educação inclusiva; e oferecer suporte ao professor da classe regular (BRASIL, 2014).

A Sala de Recursos é equipada com materiais de informática, mobiliário adequado e diversos recursos didáticos e pedagógicos, que são utilizados nos atendimentos aos alunos com deficiência que frequentam o local. Os atendimentos acontecem no contraturno do ensino regular, com ênfase no desenvolvimento das potencialidades dos alunos com deficiência. Para esse fim, são utilizados planos de desenvolvimento individual, que delineiam as estratégias a serem aplicadas, além de avaliações semestrais para monitorar o progresso dos alunos.

O objetivo principal dessas práticas é promover o desenvolvimento de áreas como raciocínio lógico, interpretação, oralidade, escrita, memória e funções executivas. A estrutura da Sala de Recursos de Landri Sales é composta pelos seguintes recursos:

Figura 3 - Sala de Recursos Multifuncionais



Fonte: Acervo do autor (2022)

Como pode ser observado, a Sala de Recursos ainda conta com pouco recursos para o atendimento, dependendo principalmente de materiais confeccionados pelos profissionais. Mesmo assim, é possível perceber o uso do letramento especializado, caracterizado pela utilização de alfabeto em Libras e pelo material didático voltado para a alfabetização, como o painel com o alfabeto. Esses elementos são fundamentais para caracterizar o espaço da Sala de Recursos como um contexto distinto e específico, em comparação ao ambiente escolar regular, evidenciando suas marcas semióticas e permitindo o deslocamento da identidade de aluno da sala de aula para a do aluno do AEE.

Além disso, a própria disposição física da Sala de Recursos reforça a ideia de que este espaço não é uma simples sala de aula. João, por exemplo, senta em uma cadeira voltada para a psicopedagoga, separados somente pela mesa, criando uma proximidade tanto espacial quanto relacional. Essa configuração reflete o caráter individualizado do atendimento, que foca nas necessidades específicas da pessoa com deficiência. Ao observar os eventos que acontecem nesse espaço, podemos identificar os seguintes letramentos:

Quadro 6 - Atendimento Especializado

LETRAMENTOS VISÍVEIS	LETRAMENTOS OCULTOS
Atividade impressa	Plano individual
Alfabeto manual	Relatório
Escrita do nome no quadro	Laudo médico
Mural “criança educada sempre diz”	Cronograma dos atendimentos
Músicas	
Livros (paradidáticos)	

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Conceituamos os *letramentos visíveis* como aquelas práticas de leitura e escrita que são experienciadas diretamente pelos participantes nos eventos, seja pela presença de textos no ambiente físico, ou ainda, pelo manuseio e produção desses textos. Por outro lado, os *letramentos ocultos* são aquelas práticas que estão indiretamente envolvidas nos eventos,

como textos que são produzidos ou de conhecimento de apenas alguns dos participantes, mas que, em certa medida, regulam as interações nos eventos de letramento.

Em sua maioria, as práticas observadas estão voltadas para a alfabetização, com ênfase nas atividades de leitura e escrita, complementadas por práticas pedagógicas lúdicas, como o uso de jogos. Além disso, há uma valorização das atividades que o aluno deseja realizar. Dessa forma, essas práticas configuram rotinas sistemáticas, regularizadas principalmente pelo modelo burocrático de ensino.

Ainda é possível observar um processo de escuta realizado pelos especialistas durante os eventos de letramento, o qual permite que João compartilhe um pouco sobre seu cotidiano. De modo geral, as práticas seguem os seguintes momentos: escuta, negociação, prática de atividade e jogo. A prática de escuta está centrada principalmente na oralidade e permite que João se sinta participante desse momento, ao mesmo tempo em que proporciona o processo de empoderamento, ao valorizar o seu lugar específico de fala, conforme ilustrado no excerto a seguir:

Quadro 7 - Diálogo: Evento SRM

Psicopedagoga	O que você fez em casa hoje, João?
João	Brinquei com meu primo, tia, assisti Pinkfong Songs.
Psicopedagoga	Você só brinca com seu primo, não tem outros amiguinhos por lá não?
João	Não, tia, não gosto não!
Psicopedagoga	Agora iremos fazer uma atividadezinha, tá bom, João?
João	Não, tia, quero desenhar!
Psicopedagoga	Agora é o momento da atividade, João, depois você desenha.
João	Não, tia (chorando), quero desenhar...
Psicopedagoga	Mas depois você vai fazer a atividade!
Psicopedagoga	Agora você vai fazer essa atividade, você tem que encontrar as palavrinhas que estão aqui. Será que você consegue?
João	Eu consigo, tia!

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

Esse pequeno excerto foi retirado da observação do início do atendimento de João e evidencia a valorização da percepção da pessoa com deficiência, direcionando as interações mediadas pela atividade do brincar no contexto familiar. Assim, a interação de João com

permanência da pessoa no processo de atendimento, bem como para avaliar seu progresso. As identidades institucionais relacionadas aos participantes desse evento são articuladas, incluindo: aluno autista, especialista e responsáveis, conforme a imagem a seguir:

Figura 5 - Ficha de Encaminhamento

ESTADO DO PIAUÍ
PREFEITURA MUNICIPAL DE LANDRI SALES

FICHA DE ENCAMINHAMENTO DO ALUNO PARA SALA DE RECURSOS

DATA: ____/____/____

01 – identificação
 Nome: _____
 Data de nascimento: ____/____/____
 Endereço: _____
 Município: _____
 Telefone: _____

02 – Dados familiares
 Nome do pai: _____
 Nome da mãe: _____
 Número de irmãos: _____
 Outros casos na família: _____
 Mora: _____

03 – Informações escolares
 Nome da escola: _____
 Professor(a): _____
 Ano de escolaridade atual: _____
 Idade com que entrou na escola: _____

Queixa principal: _____

04 – Quais as dificuldades que o aluno(a) apresenta em sala de aula?

05 – Quais as adaptações necessárias no período da escola e nos materiais escolares para melhor atender o aluno(a)?

06 – Motivos do encaminhamento para sala de recursos:

07 – Organização do atendimento educacional especializado
 Sala de recursos multifuncional Domiciliar
 Professor de libras Hospitalar
 Professor auxiliar no ensino regular Outros informe: _____

08 – Condições gerais de saúde. Tem diagnóstico da área da saúde que indica:
 Surdez Deficiência Intelectual
 Deficiência auditiva Transtorno global do desenvolvimento
 Baixa visão Deficiência múltipla
 Cegueira Outros: _____
 Deficiência física

09 – Que tipo de profissional o aluno necessita para atendimento
 Fonoaudiólogo Neurologista
 Psicólogo Terapeuta Ocupacional
 Fisioterapeuta Psiquiatra
 Outros Psicopedagoga

10 – Usa medicamento controlado
 Sim Não Qual? _____

 Profissional da sala de recursos

 Pais ou responsável

Rua Nove de Novembro, S/N Bairro Centro – CEP: 64.850-000
 Fone: (89) 3542-1479 / E-mail: seps@landrisalespi.com.br / CNPJ: 06.116.541/0001-66

Fonte: Acervo do autor (2022)

Esse instrumento já evidencia as atividades a serem realizadas pelos profissionais do AEE, que, nesse evento, assumem a identidade de especialistas responsáveis por realizar as adaptações pedagógicas. Por sua vez, o relatório apresenta os resultados dos atendimentos, bem como o desenvolvimento de João em relação às atividades realizadas na Sala de Recursos. Esse relatório funciona como uma ferramenta avaliativa, permitindo determinar se João está adquirindo as práticas próprias do contexto escolar, além de desenvolver aspectos como raciocínio lógico, interpretação, oralidade, escrita, memória e funções executivas.

O laudo, por sua vez, configura-se como um recurso contraditório no contexto do AEE, uma vez que esse atendimento tem caráter pedagógico e não clínico (BRASIL, 2014). No entanto, conforme se observa, o laudo ainda é utilizado para confirmar a condição de pessoa com deficiência e, principalmente, para o encaminhamento para o AEE. Nesse contexto, três modelos de letramento fundamentam as interações na SRM: o letramento pedagógico, o letramento relacionado à educação especial e o letramento burocrático-administrativo. A mescla desses letramentos ocorre em função do Plano de Desenvolvimento Individual (PDI).

4.2 CONTEXTO DA FAMÍLIA

A escola frequentada por Ana está localizada próxima à avenida principal da cidade e conta com um espaço de recreação, um campo de futebol e uma sala de informática. A sala do 8º ano, por sua vez, apresenta pouco elementos textuais, sendo que, ao longo do ano, foram expostos apenas alguns trabalhos produzidos pelos alunos, conforme ilustrado na imagem a seguir:

Figura 6 - Sala de Ana



Fonte: Acervo do autor (2022)

Os letramentos presentes nesse contexto estão relacionados às práticas escolares, centradas na atuação dos/as professores/as e na interação de Ana com a cuidadora, conforme o esquema desse evento de letramento:

Quadro 8 - Evento de Letramento Escolar

Práticas	Textos
Explicações; Atividades escritas; Trabalhos em grupos.	Falas dos/as professores/as; Livro didático.
Auxílio às práticas de escrita de atividade e resolução das mesmas.	Conversas com a cuidadora; Escrita do quadro; Livro didático.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

As práticas relativas à escola, no contexto da educação de Ana, se dividem em duas principais interações: aquelas realizadas com a professora e aquelas com a cuidadora. No primeiro momento, essa interação se estabelece pelo uso do livro didático e pela explicação da professora, seguindo a rotina estruturada do ambiente escolar. Nesse evento, os/as professores/as assumem o controle sobre o letramento, determinando os momentos de fala dos alunos e mantendo a dinâmica hierárquica da sala de aula.

De acordo com a observação realizada durante as aulas, alguns aspectos podem ser destacados:

Quadro 9 - Observação das aulas do dia

Ana começa sua organização para a escola às 12:50, preparando o material que levará na mochila. Geralmente, o ônibus chega por volta das 13:00, chegando à escola às 13:15. Ao chegar à escola, Ana se encaminha para a sala de aula, senta no seu lugar (já conhecido de todos), localizado no final da fila, próximo à porta de entrada, e só se levanta para ir para casa. As aulas geralmente são intercaladas pela entrada e saída de um professor ou professora e um novo conteúdo a ser estudado. Embora os conteúdos sejam diferentes, as aulas seguem a mesma rotina: frequência, solicitação de atividades passadas na aula anterior (quando há), explicação do conteúdo, novo encaminhamento de atividades e correção das mesmas (quando o tempo da aula permite). Durante o intervalo, Ana fica na sala de aula, dificilmente sai para o pátio, às vezes traz na mochila algum lanche, mas fica todo o horário do intervalo na sala de aula, acompanhada da cuidadora, conversando durante esse tempo. Ao término da aula, Ana volta para casa.

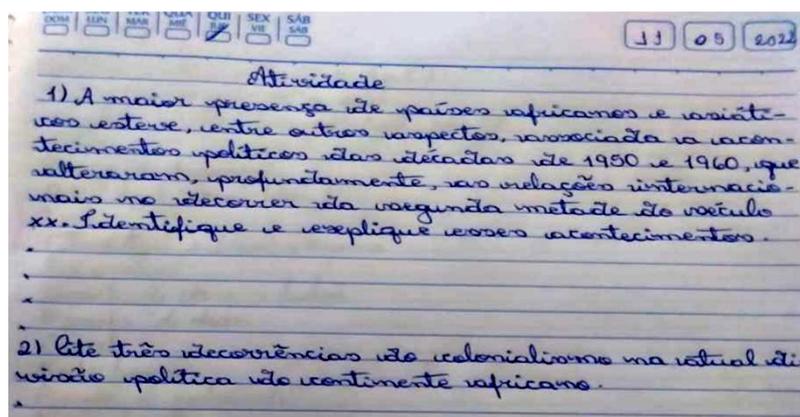
Fonte: Dados da pesquisa (2022)

No caso de Ana, sua posição na sala de aula já revela certo isolamento em relação aos demais alunos, posicionada geralmente nos últimos assentos, ao lado da cuidadora. Sua interação com o professor ou professora É, geralmente, mediada pelas práticas de chamada (frequência dos alunos), pelo acompanhamento da explicação do/a professor/a por meio do

livro didático e pelo encaminhamento das atividades de sala ou para casa. Com relação à realização dessas atividades, Ana apresenta certa dificuldade, principalmente para copiá-las no caderno e, às vezes, para resolver alguns exercícios de matemática, contando com o auxílio da cuidadora.

Dessa forma, a interação entre a cuidadora e Ana se constrói dentro de uma perspectiva colaborativa, na qual a cuidadora, em certos momentos, assume a função de escrever as atividades. Essa relação pode ser similar à descrita por Kleiman (1995), na qual adultos não alfabetizados contavam com a ajuda de outras pessoas para ler ou escrever cartas, participando assim do evento de letramento. No caso da relação descrita nesta pesquisa, Ana apresenta dificuldades apenas para realizar a escrita, pois já é capaz de ler, embora com algumas dificuldades. A seguir, é apresentada uma atividade escolar, na qual a cuidadora transcreve para Ana:

Figura 7 - Atividade realizada pela cuidadora



Fonte: Acervo do autor (2022)

Por meio dessa relação, entendemos que ocorre um outro evento dentro do evento de letramento escolar, compondo o microespaço de interação entre a cuidadora e Ana (semelhante ao que ocorre no caso de João), em que as atividades e funções assumidas por ambas são delimitadas pelas práticas de leitura e escrita. Com relação à turma (professores/as e demais alunos/as), o uso do letramento e as interações estabelecidas corporificam o

processo de isolamento já naturalizado, o que reflete a relação de Ana e a cuidadora, separadas da dinâmica da sala de aula.

Outro aspecto articulado na vida escolar de Ana são as consultas e os exames periódicos, que fazem parte da rotina da família. Em alguns momentos, por exemplo, Ana precisou ficar duas semanas sem frequentar a escola devido a um procedimento médico (cirurgia), conforme relata Tereza:

A Ana realizou muitas consultas e exames. Ela teve que fazer muitas cirurgias: só na boca, ela realizou 8 cirurgias ano passado. Então, nós passamos muito tempo viajando, porque todos os exames são feitos em Teresina. Uma vez tive que passar mais de uma semana viajando para Teresina, só para fazer exames (Tereza).

De acordo com o relato de Tereza, o contexto hospitalar é uma realidade que já faz parte do cotidiano da família. São aspectos que devem estar articulados no planejamento das aulas e na elaboração de alternativas que auxiliem na aprendizagem de Ana durante esse período de afastamento da escola. Nessa sentido, o letramento virtual poderia tornar esse processo mais eficaz. Por meio de plataformas digitais ou até mesmo com o uso do ensino híbrido, seria possível oferecer oportunidades de ensino e aprendizagem durante consultas, exames e cirurgias.

Logo, a identidade estudantil de Ana deve ser pensada levando em consideração as circunstâncias da sua aprendizagem, respeitando suas limitações e valorizando suas potencialidades. Além disso, é necessário que essa identidade não seja estereotipada, considerando suas condições de isolamento já naturalizadas nas interações em sala de aula, mas também abrangendo sua realidade fora da escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de letramento nos eventos analisados estão profundamente ligadas às identidades dos participantes, sendo articuladas com discursos pedagógicos,

especializados e religiosos. Essas práticas refletem valores como direito, cuidado e caridade, que influenciam a mediação das interações das pessoas com deficiência nos diferentes contextos. Os resultados indicam que os letramentos que permeiam essas interações estão intimamente relacionados aos modelos pedagógicos e especializados. As identidades nas práticas de letramento são fluidas, permitindo que os grupos familiares adotem diferentes posições diante dos eventos de letramento e das práticas sociais em curso.

Assim, destacamos que os principais eventos de letramento presentes nos contextos institucionais, como o contexto escolar, o contexto de atendimento especializado e o contexto hospitalar, estabelecem formas distintas de interação, práticas e vozes específicas. Em cada um desses âmbitos, prevalecem formas particulares de manifestação das identidades dos participantes. No caso de João, as identidades emergentes são as de “aluno especial”, “aluno autista” e “criança especial”. Já em relação a Ana, as identidades articuladas nos diferentes contextos evidenciam as de “pessoa com deficiência”, “aluna” e “paciente”.

Percebemos que os letramentos em uso nesses eventos são formados por um hibridismo entre os modelos escolar, especializado, virtual e vernáculo. Quanto a esses usos, os significados articulados nas interações estão fundamentados na combinação dos discursos especial, escolar e religioso, com ênfase nas ideias de cuidado, caridade e desenvolvimento. Esses significados são construídos em torno de textos específicos, como atividades e falas de orientação.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Tradução: José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARTON, D. A base social do letramento. *In*: BARTON, D. **Literacy: an introduction to ecology of written language**. Tradução: Guilherme Veiga Rios. Oxford, Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.
- BATISTA JR., J. R. L. **Discurso, identidade e letramento no atendimento educacional à pessoa com deficiência**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) - Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- BATISTA JR., J. R. L; SATO, D. T. B. Discurso, identidade docentes e letramento na inclusão de pessoas com deficiência. *In*: OTTONI, M. A. R; LIMA, M. C. (org.). **Discursos, identidades e letramento**. São Paulo: Cortez. 2014. p.192-231.
- BRASIL. **NOTA TÉCNICA Nº 04 / 2014 / MEC / SECADI / DPEE**. Orientação quanto a documentos comprobatórios de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação no Censo Escolar. Brasília, 23 de janeiro de 2014.
- CARVALHO, C. Novos estudos do letramento. *In*: TAMAÊ, D. T. B; BATISTA JR., J. R. L.; SANTOS, R. C. R. (org.) . **Ler, escrever, agir e transformar: uma introdução aos novos estudos do letramento**. Recife/PE: Pipa Comunicação, 2016 .
- HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografia: princípios em práticas**. Tradução: Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- HEARTH, Shirley B. “What no bedtime story means: narrative skills at home and school”. **Language and society**, v.11, p. 49-76, 1982.
- KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- MACEDO, M. S. **Interações nas práticas de letramento: o uso do livro didático da metodologia de projetos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- RIOS, G. V. Ensino de Língua materna, letramento e identidades no campo da educação. *In*: OTTONI, M. A. R.; LIMA, M. C. (org.). **Discursos, identidades e letramentos**. São Paulo: Cortez Editora, 2014. p. 175-191.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SATO, D. T. B. **A inclusão da pessoa com síndrome de down: identidades docentes, discursos e letramentos**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) - Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SATO, D. T. B.; MAGALHÃES, I.; BATISTA JR., J. R. L. Desdobramentos da educação inclusiva no Brasil: discursos e práticas de letramento. **RBLA**, Belo horizonte, 2012.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.